

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONSTRUÇÃO DE JOGOS E CONTOS COM USO DO VOCABULÁRIO DE MATRIZ AFRICANA BANTU

A orelha vai à escola todos os dias
Provérbio da Guiné-Bissau

Maria Eliene Magalhães da Silva¹

RESUMO

O artigo trata de uma oficina ministrada na formação continuada para professores do fundamental, no SESC EDUCAR, em 2015 na qual abordei a origem das palavras de matriz bantu predominante no Ceará. Sabemos que existe uma construção na mentalidade das pessoas que: “No Ceará não existe negro”, Com isso, a necessidade de trabalhar nosso vocabulário possibilitando construirmos nossa identidade étnico-racial. Nesta oficina, o objetivo foi desconstruir a ideia do modo falado cearense de ser ‘cearês, ter origem no jeito bantu de ser. Para isso trabalhei um de nossos troncos linguísticos brasileiro, de base africana que falamos cotidianamente. O trabalho foi desenvolvido de forma lúdica, facilitando o entendimento. Para isso, usei a metodologia de contação de histórias, vivências através da teoria metodológica da Pretagogia. Nesse enfoque pontuei a importância dessa história que levamos na fala como conceito afro-herança-linguístico de nossos ancestrais. Fundamento-me em SILVA (2012); PETIT (2015); BÂ (1982), CUNHA (2013) dentre outros. O objetivo deste artigo será mostrar a importância de conhecer-mos essa nossa herança linguística e olharmos com profundidade às nossas origens ancestrais de base africana bantu.

Palavras-chave: Formação. Vocabulário. Jogos. Contos. Africana.

INTRODUÇÃO

O tema da oficina chama-se: ‘Construção de Jogos Com o Uso do Vocabulário de Matriz Africana’, realizado nos dias 03 á 07 de agosto de 2015, no período da noite, coordenados pelas pedagogas: Rita e Jamile, no SESC EDUCAR, para professores do ensino fundamental das mais diversas escolas e um cursista da Guiné Bissau.

Os conteúdos programáticos foram ministrados a partir de vivências, músicas, contos, roda de conversas, metodologia do referencial teórico da Pretagogia que pontua os marcadores africanos em sua desenvoltura.

O objetivo deste trabalho é mostrar a língua brasileira no Ceará com herança africana para desconstruir a ideia que: “No Ceará não existe presença negra”, descolonizando esta afirmativa racista da ausência negra no estado. Construindo uma nova afirmativa que: “Existe além de outros elementos a herança linguística africana”.

Experiências com alunos e vivências foram satisfatórias para as indagações que a priori surgiram na construção do curso no SESC/EDUCAR. A Lei 10.639/03 que implementa a obrigatoriedade do Ensino da História Africana e Cultura afrodescendente, aborda além de muitas heranças culturais: A nossa língua portuguesa que difere por essas peculiaridades. Com isso veio às indagações: Como podemos trabalhar nossa herança linguística afrodescendente na escola? Como relacionar as expressões faladas com os marcadores africanos? Como a literatura, os jogos e vocabulário africano e afrodescendente poderá ser usado na escola? Como podemos utilizar e aprender a linguagem de tronco africano com as palavras que falamos no dia-a-dia?

A palavra como comunicação no mundo

A palavra é o primeiro meio do ser humano comunicar-se com outro e é nela que nomeamos tudo que nos rodeia. É através do choro que a criança se comunica e demonstra suas necessidades com o mundo em que vive. É com a palavra que a criança se comunica com a mãe sua fome, sede e outras necessidades.

Os gestos simbolizam as palavras faladas pelo fato que o silêncio também é uma forma de comunicarmos com o mundo exterior. Ela também é sagrada quando se coloca para o campo espiritual, como por exemplo as palavras ditas pelas senhoras rezadeiras. SILVA, SILVA & SILVA aborda que “Outro uso das africanidades nessa prática é o uso da palavra em segredo, que valoriza o silêncio. Assim, por exemplo, a reza falada em voz alta perde sua força (ou magia)”. (SILVA, SILVA & SILVA, 2014, p. 39)

A palavra é magia, ela relata sentimentos que apontam positividade ou negatividade, ela é movimento e transmite valores e significados. Para Hampaté Bâ: “a palavra se empossa, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à origem divina e as forças ocultas nela depositadas (BÂ, 1992, p. 182).

A **palavra** na visão africana, tem sentido sagrado, atravessa os tempos e passa ensinamentos aos mais jovens. A oralidade das rezas das senhoras rezadeiras aponta essa visão. A reza além de representar segredo (marca africana), mostra poética nos versos rimados, que poderia ser usado literariamente para exemplificar os traços africanos. (SILVA, 2014, P. 2)

No artigo, a reflexão inicial é a palavra significado no mundo, essa origem e relação com a África que herdamos na palavra falada em nosso cotidiano. Essas mesmas que hoje denominamos de cearenses, ou que falamos cotidianamente no Ceará. No livro *Memórias das Palavras, da Cor da Cultura*, relata:

O Brasil é a nação que tem a segunda maior população negra do planeta. País multicultural, traz a marca indelével dos africanos e de seus descendentes em sua formação. Em nosso vocabulário, muitas das palavras usadas no dia-a-dia têm origem nos falares herdados da mãe-África, procedentes de diferentes grupos étnico-linguísticos, como os iorubas e, especialmente, os povos bantos. Pois não existe apenas uma, mas várias Áfricas, espalhadas num vasto continente, composto, hoje, de 53 países. (BARBOSA, 2006, P. 5)

O enriquecimento da língua¹ brasileira além da matriz indígena através do modo de ser cearense que particularmente tem relação com a cultura africana pela alegria, brincadeiras e humor.

Quantas palavras usamos no nosso vocabulário, quase falamos bantu, nagô, ioruba, jeje, etc. São diversas as palavras, tais como: moleque, quiabo, caçula, mandiga, angu, cachaça, dengoso, quitude, berimbau, maracatu. Todas essas palavras e outras são do nosso vocabulário diário brasileiro e muitas são expressões do cearenses² e tem essa base africana aqui citada. Elas expressam a grande influência africana que há na cultura brasileira.

Essa construção de memória inicia-se logo ao nascermos. Os cuidados com a parturiente e o nenê, a procura às senhoras da reza 'rezadeiras' para resolver problemas espirituais que mexem na saúde dos nenéns. São muitos as referências a cerca desses cuidados e vai também a alimentação, medicina natural usada pelas rezadeiras ou sob orientação delas.

Essas memórias de palavras de base bantu em nossas mentes sem compreendemos o sentido da cultura africana em nós. A nossa língua é um corpo dançante que fala a todo o momento, que espiritualmente comunica-se através do corpo com o outro. A língua é movimento e por isso ela modifica e dar sentido há novas culturas sem perder seu sentido original.

¹ Língua - língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos) que possibilitam a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim.

<http://novaescola.org.br/conteudo/257/qual-a-diferenca-entre-lingua-e-linguagem>

² Cearenses são expressões, vocábulos, sotaque particular cearense falado no Ceará.
<http://www.acumae.com.br/dicionario-ceares>

Legado africano na língua falado no Ceará

A nossa língua portuguesa trás memória de base bantu. Os bantos constituíram o Reino do Congo, que tinham uma grande parte do noroeste da África. No passado os bantos viveram em Angola, Moçambique.

Podemos afirmar, que a língua como parte do corpo é movimento que transita desde os nossos ancestrais aos dias de hoje. Desta forma, ela torna-se preta e pedagógica para aplicarmos esses referenciais em formações pretagógicos em sala de aula, Petit relata que:

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja a mãe África. (PETIT, 2015, P. 119-120)

Bantos³ não se refere a um povo, nem uma etnia. Banto é um tronco linguístico. É uma língua que originou a diversas outras línguas africanas. Atualmente são mais de 400 grupos étnicos que falam línguas bantas, todos eles ao sul da linha do Equador.

Na fase do escravismo no Ceará, foram trazidos negros de povos deste tronco linguístico. A fala cearense trás essas marcas na pronuncia e escrita.

O curso propiciou isso, uma formação descolonizada para os cursistas além de aprender vivenciaram através das vivências e atividades, como referencial para seus trabalhos em sala de aula.

A oficina com os professores

A oficina transcorreu no período da noite, no horário de 18:00 às 21:00 horas com professoras do ensino fundamental I e um cursista guineense, de Canchungo: Antônio Correia Junior, que possibilitou as trocas nos trabalhos efetuados. Antônio comentou as variações na sua terra que mesmo com muitas línguas e etnias se aprende a diferenciação e a relação entre si dos troncos falados na África.

³ Bantos formam um grupo étnico africano que habitam a região da África ao sul do Deserto do Saara. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos é formada por agricultores, que vivem também da pesca e da caça. Estes subgrupos possuem em comum a família linguística banta. Fonte: Wikilivros

A Pretagogia foi ministrada como referencial-teórico-metodológico através de vivências, mandala dos objetos geradores e suas estações, em minha dissertação de mestrado, faço essa explanação:

A Pretagogia é um novo referencial teórico-metodológico para a formação em africanidades tanto de professoras e professores, como de alunas/alunos. É uma pedagogia de pretos, índios e brancos na construção de uma educação sem racismo e preconceito em cumprimento com a lei 10.639/, nas escolas e fora delas. (SILVA, 2015, p. 44)

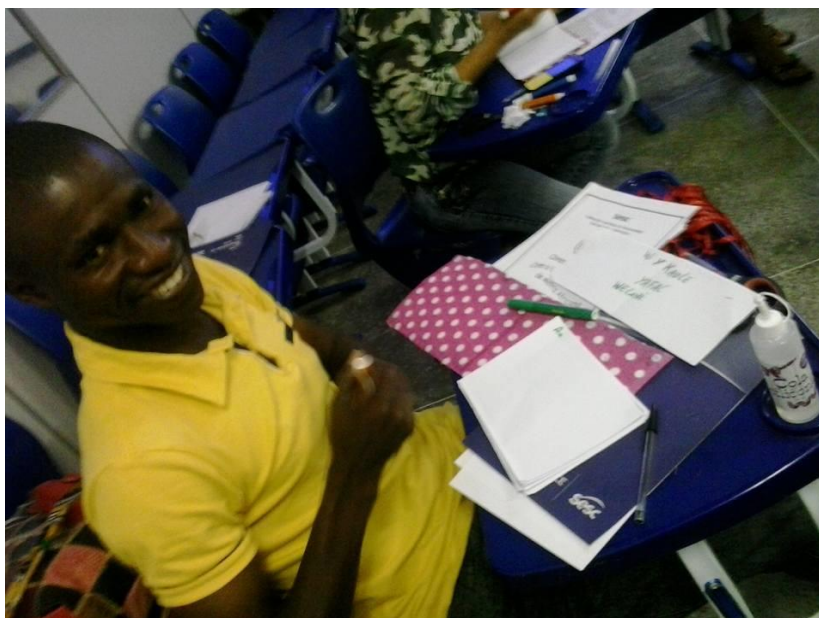
A palavra além do verbo e da concepção do sagrado/espiritual. A palavra como pão da comunicação que nos aproxima da língua de base africana no nosso dia-a-dia.

As palavras tais como: babau, babaca, angorá, angola, cafuné, caçulo, babá, banguelo, bambolê, bambear, nenê, batoré, baqueado, moleque, cachimbo, queixo, cangote, etc. São centenas, milhares em que no Ceará é muito falado.

PALAVRA	CEARÊS	BANTU
babau	x	x
angola	x	x
cafuné	x	x
Batoré	x	x
queixo	x	x
cangote	x	x
mangar	x	x

Palavras que são usadas tanto no cearês como no bantu

Neste sentido a palavra que usamos tanto no cearês como de origem bantu é a prova da herança africana em nossa língua portuguesa. Nesta perspectiva conceituo a afirmação do **cearês como africanês** pelo das várias etnias linguísticas bantu, nagô, ioruba, jeje pois no escravismo os vários povos trazidos para o Brasil representam as Áfricas que vieram para cá.



A proposta foi de escrever um pequeno dicionário de pano com os exemplos de palavras de base africana falado no Ceará.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES EXECUTADAS

DIA 03/08/2015	DIA 04/08/2015	DIA 05/08/2015	DIA 06/08/2015	DIA 07/08/2015
Acolhida, vivência com a cabaça	Acolhida, vivência com a cabaça	Acolhida, vivência com a cabaça	Acolhida, vivência com a cabaça	Acolhida, vivência com a cabaça
Circulo de conversas	Circulo de conversas	Circulo de conversas	Circulo de conversas	Circulo de conversas
Roda de prosa e poesias	Roda de prosa e poesias com construção de um dicionário com as palavras estudadas.	Roda de prosa e poesias, continuação do dicionário.	Roda de prosa e poesias com a finalização do dicionário de tecido.	Organização de equipes
Power point	Aula com mapa das línguas faladas da África portuguesa/bantu	Confecção de jogos com palavras bantu	Confecção de jogos com palavras bantu (jogo da	Culminância com apresentações dos trabalhos

	Confecção de cordel e poesias	(dominó)	memória)	
Vídeo: Mandalo	Vídeo: Essa Nossa Língua	Vídeo: Influencia Africana no Português	Vídeo: Breve História da Cultura Africana	Vídeo: Língua Bantu

Fotos das aulas



Fotos do arquivo pessoal da autora

As atividades aplicadas teve a metodologia da Pretagogia abordados com usos de artefatos geradores para possibilitar o direcionamento das conversas e trocas. Enfoquei nesta etapa a relação da pessoa com as africanidades na fala e seus vocabulos sem aprofundar a priori as variações linguísticas e fonologia devido o direcionamento das atividades.

RESULTADOS

Os resultados foram positivos para os cursistas e a formadora que serão multiplicados e pelos professores em salas de aula.

As conversas possibilitaram as trocas e o trabalho coletivo emanou o sentido UBUNTU entre os participantes favorecendo o compartilhamento dos aprendizados da nossa língua e o entendimento que se faz importante para a educação brasileira no tocante assunto.

A oficina resgatou a memória de nossa língua através das palavras cotidianamente faladas por nós.

Os cursistas promoveram através do decorrer das aulas, momentos de releituras e lembranças de suas memórias. Neste enfoque, muitos perceberam a porteira de dentro através das atividades e auto afirmaram como afrodescendentes.

Assim, as indagações introdutórias deste artigo seguem essa linha de respostas, no tocante a proliferação dos conceitos, teoria Pretagógica, aprendizados envolvidos e afirmações dos professores e suas disposições em continuar praticando uma pedagogia antirracista e descolonizadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2005.

BÂ, HAMPATÈ AMADOU. **A Tradição Viva.** In: KI Zerbo Joseph (Org). **História geral da África:** metodologia pré-história. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982. v. 1, p. 181-218, 1982.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:** algumas informações. Brasília – DF: Câmara de Educação Básica do Conselho de Educação, 2011.

DE JESUS, Regina de Fátima; ARAÚJO, Mairce da Silva e CUNHA, Henrique (Orgs). **Dez Anos da Lei 10.639/03: Memórias e Perspectivas.** Fortaleza: Edições UFC, 2013.

_____. Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** Res. Nº 8 de 2012. CNE. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso 15 fev. 2014

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil.** 2ª edição. Rio de Janeiro: 2012.

MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias e; PETIT, Sandra Haydée. **Memórias de Baobá II.** Fortaleza: Gráfica e Editora IMPRECE, 2015.

LOPES, Nei. **MEMÓRIA DAS PALAVRAS.** Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, A Cor da Cultura. 2006.

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. **Memórias de baobá**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA; Geranilde Costa e. Pret@gogia: Referencial teórico-metodológico para o ensino da história e cultura africana e dos afrodescendentes. In: CUNHA Jr. Henrique; NUNES, Cícera; e SILVA, Joselina da (orgs): **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, p. 73-101, 2011

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia**: Construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. Compartilhando saberes Africanos Aprendidos na Sala de Aula com o NACE-UFC. In: PETIT Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa (orgs). **Africanidades Caucaenses**, Fortaleza, Edições UFC, 2013, p.137-155.

_____, Maria Eliene Magalhães. **Marcadores das Africanidades no Ofício das Rezadeiras Em Quilombos de Caucaia-CE**: Uma Abordagem Pretagógica. 2015. 207 f. Dissertação. (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

_____, Maria Eliene Magalhães; SILVA, Cláudia de Oliveira; SILVA, Rafael Ferreira da. Oralidade e Filosofia Tradicional Africana: Conceitos de Hampaté Bâ e Influências Nas Africanidades Brasileiras. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MOTA, Bruna Germana NuneS; BRUNDENBURG, Cristiane (orgs). In: **Educação, Filosofia e Cultura**. Orgs:). Fortaleza: Ed. UFC, 2014, p. 29-43.

_____, Maria Eliene Magalhães. **A Poética Literária das Rezadeiras: Aspectos das Africanidades Nos Versos da Reza**. ANAIS DO VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS. UFPA – BELÉM – PARÁ – 29 de julho a 02 de agosto de 2014

_____, Maria Eliene Magalhães; SILVA, Cláudia Oliveira; SILVA, Rafael Ferreira da; ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Ed. UECE, 2014. P. 103-123.

Civilização Bantu. Endereço eletônico:

https://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%A3o_Banto/Hist%C3%B3ria